

AUGUSTO LA FERRE



CLOWN

O ESPELHO E A ARENA

ARS VERBI

CLOWN

AUGUSTO LA FERE

CLOWN

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Clown – O Espelho e a Arena

© 2025 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*TM

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988750-8-4

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Você pode compartilhar, adaptar e utilizar esta obra, inclusive para fins comerciais, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Indique se foram feitas modificações;
- Não imponha restrições adicionais que contrariem os termos da licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

<https://arsvervi.com.br>

Dedicatória

A quem aprendeu a rir depois do tombo.
A quem pinta o rosto para não borrar por dentro.
E a todos que, mesmo cansados da arena,
ainda se curvam para o aplauso da vida.

Oferto meu riso
como quem devolve a vida.

— *Paulo Ricardo*

Nota do Autor

Clown — O Espelho e a Arena nasceu do silêncio entre dois gestos: o da entrega e o do esquecimento.

Não escrevi esta peça para contar uma história, mas para ofertar uma presença. O palhaço, aqui, não é um personagem cômico nem uma figura trágica. Ele é altar, é intervalo, é sopro que se dá inteiro para uma plateia que talvez não esteja mais ali. Ele é, acima de tudo, um corpo que repete um gesto — e que, ao repeti-lo, se perde nele.

A estrutura em três atos segue o ritmo de um rito. No primeiro, o nascimento do rosto; no segundo, o ofício e a oferenda; no terceiro, o retorno ao homem. Cada cena foi escrita para ser escutada com o corpo, não apenas com os olhos. Os silêncios valem tanto quanto as palavras. Os objetos — a mala, o nariz, a flor — não são adereços: são fragmentos do que ficou de um mundo que se foi.

Talvez, por isso, esta peça não se encaixe facilmente em rótulos. Não é um monólogo, embora tenha um só corpo em cena. Não é uma tragédia, embora carregue uma queda. Não é um espetáculo convencional, porque não busca entreter — busca partilhar o que permanece depois que o riso se apaga.

Escrevê-la foi um exercício de escuta. De reverência. De esvaziamento.

Espero que, ao lê-la — ou vivê-la em cena —, você não procure truques.

Mas que encontre, talvez, algum gesto que também era seu, mas que já tinha sido esquecido.

ATO I

O Rosto que se Torna

Forma: Verso livre, com ritmo ondulante e vocação musical.

Personagens: Palhaço / Espelho (mesma voz) / Coro invisível.

Estilo: poesia cênica, encantatória, doída e lúcida.

CENA ÚNICA

O Rosto que se Torna

(Luz tênue. O Palhaço está diante do espelho. As mãos repousam abertas. O silêncio é o primeiro som. Ao fundo, o realejo sussurra, e a plateia — fantasma de futuro — murmura distante.)

Palhaço

Não sei se sou o que sou.
Ou se sou o que me pedem.
Ou se, por detrás do pano,
me fiz na dobra de um eco.

Este rosto que me olha
me conhece de antes —
de quando eu corria sem medo
com a cara suja de céu.

(Toca o espelho. Fecha os olhos. Fala mais baixo, como em ladainha.)

Talvez eu seja...

o que ficou da infância dos outros.
Um vestígio.
Um reflexo que se repete
em olhos que me esquecem.

*(Ergue um pincel. Suspira. Toca o rosto com
leveza de rito.)*

Na mão, trago as cores do rito:
vermelho de dor fingida,
branco de medo escondido,
preto de tudo que passa.

Pinto o que não se apaga.

Espelho *(voz grave, interior, como se viesse de dentro do
espelho)*

Pintas o que volta.
O que nunca foi.
O que o silêncio repete
quando o riso dorme.

Palhaço

Às vezes...
eu me escuto rindo de mim.
Rindo do riso dos outros

como quem escapa de um incêndio
e cai...
numa nova fogueira.

Espelho (*voz baixa, sem pressa, com peso de verdade
íntima*)

Tua face é véu.
Tua dor é cenário.
Teu ofício é o de enganar a morte
sem que ela se ofenda.

Palhaço

E a plateia?
A plateia me quer inteiro.
Quer que eu tropece bonito.
Quer que eu erre sorrindo.
Quer que eu salve —
sem saber que eu também afundo.

*(Pausa. A maquiagem avança: traços
vermelhos, olhos ocos, boca larga e muda. O
gesto é lento. Cada traço acompanha um
pensamento.)*

Palhaço

Fui criança entre lonas.
Vi homens virarem pássaros.
Mulheres sumirem em caixas.
Vi o tempo dar cambalhota...
e voltar sem memória.

Espelho *(voz baixa, sem pressa, com peso de verdade íntima)*

Mas tu ficas.
Ficas onde todos partem.
No fim da música,
no eco da gargalhada,
no rastro do sapato.

Palhaço

Se caio, sou arte.
Se sangro, sou cena.

(Respira. O gesto pausa. O olhar se perde.)

Se amo, não pode.
Se choro, não conta.

Espelho *(voz baixa, sem pressa, com peso de verdade íntima)*

És catedral de papel.
És altar sem nome.
És santo profano
no ofício da entrega.

(O Palhaço começa a cantarolar. Um tema sem letra. Um lamento de realejo. O Coro começa a soprar, como vento entre cortinas.)

Coro *(fragmentado, em sopros — como se fossem várias vozes espalhadas pelo ar):*

Tudo que o palhaço vive...
desaparece depois.
Tudo que o palhaço sente...
ninguém leva com ele.
Ele é brilho de instante.
É riso que se apaga
antes do fim do aplauso.

Palhaço *(quase cantando, em resposta)*

Mas ainda assim, eu volto.
Volto por eles.
Por olhos que não sei o nome.
Por mãos que me aplaudem
sem me conhecer.

Eu volto,
mesmo sem saber quem fui.

Coro *(mais baixo, quase apagado, como voz do depois):*

E teu nome?
Teu nome é ruído.
É poeira no tambor.
Teu nome se apaga
no dia seguinte.

Palhaço

Mas há um instante —
sim, um instante só —
em que tudo se ilumina:

quando salto,
e o silêncio respira comigo,
e eles esperam minha queda,
e eu caio...
como se voasse.

Espelho

E no cair está teu milagre.
Teu altar é o tombo.
Tua salvação, a falha.

Tua entrega...
é semente jogada no abismo.

Palhaço

Então eu me dou.
Inteiro.
Mesmo que partam,
mesmo que me esqueçam.
Dou meu riso
como quem devolve a vida.

(Três batidas secas. A música para. O Palhaço ergue-se. Respira. Está com a maquiagem quase pronta. Fica diante do espelho. Toma o nariz com as duas mãos. Como quem segura um selo antigo. Fecha os olhos. Fala em voz baixa.)

Palhaço

Este é o sinal.
O que me aparta.
O que me entrega.

(Coloca o nariz. Com lentidão. A luz no espelho treme. A atmosfera muda.

Ele termina o rosto. Olha-se uma última vez — como quem se despede de si.)

(Agora sim, encara o público. A voz desce num sussurro.)

Palhaço

Se meu rosto é mentira,
é porque a verdade é demais.

(Sai com lentidão. O realejo gira só. A chuva volta. O pano desce como véu ritual.)

CAI O PANO.

TRANSIÇÃO

(A luz do espelho pulsa uma última vez — como um coração que se despede. O Palhaço termina o último traço. Olha-se. Encara-se. O som do realejo começa a mudar de tom — mais firme, mais circular. Ele ergue o nariz. O segura entre os dedos. Fecha os olhos. Respira.)

(Ao colocar o nariz, o espelho escurece por completo — como se deixasse de ver. O som agora gira. Uma nova luz se acende: o picadeiro. O espaço muda de qualidade. O ar é mais largo. O tempo mais elástico. O Palhaço dá um passo à frente. Só então, caminha.)

(Surge no picadeiro. A mala está com ele. O corpo ainda carrega a lentidão do ritual anterior. Ele olha ao redor. Ainda não há gesto. Só espaço. Só presença. Ele coloca a mala no centro. Faz uma reverência. Silêncio. Respira. O número quer começar — mas não começa.)

Palhaço

Vamos.
É só repetir.
O gesto vem.
Sempre vem.
A entrada.
A flor.
A virada.
O tropeço.

*(Pega o nariz. Ensaia colocá-lo. Para. Suspira.
Senta na cadeira. Silêncio. Abaixa a cabeça.)*

Palhaço *(muito baixo)*

Hoje não.
Hoje...
preciso lembrar primeiro.
Antes do gesto.
Antes da falha.

Preciso lembrar do menino.

*(Abre a mala com vagar. Retira o nariz —
apenas segura. A atmosfera muda. O tempo
começa a se abrir.)*

ATO II

O Número e as Três Histórias

Forma: narrativa lírica + gesto + poesia intercalada

Personagens: Palhaço / Coro-Espelho

Objetos: mala, cadeira, nariz, flor murcha, lenço

CENA 1

O Menino e o Bombom

(Luz sobe. O Palhaço entra com a mala. Coloca-a no centro. Faz uma reverência breve. Silêncio. Senta-se. Abre a mala. Retira o nariz. Olha para ele. Fala.)

Palhaço

Uma vez...
fiz um número simples.
Tropecei. A cadeira caiu.
E com ela... caiu o mundo.
De riso.

(Faz o gesto. A cadeira tomba. Sorri.)

Palhaço

Um menino riu.
Mas não com a boca —
com o corpo todo.
Batucava os joelhos,
esfregava os olhos...

ria como quem se lava por dentro.

(Pausa. Ternura no rosto.)

Palhaço

No fim da função,
veio até mim.
Trazia um bombom...
suado, mole, rasgado.
E disse:
“É pra ti.
Tu é engraçado.”

(Segura o ar como se segurasse o bombom.)

Palhaço

O menino tinha no bolso
uma fé molhada.
Uma doçura suada.
E um riso que me doía de tão limpo.

Ele me viu antes que eu tropeçasse.
Riu antes que eu errasse.
E me ofereceu, sem saber,
a absolvição.

Coro (*como sopro múltiplo, fragmentado, com leveza de lembrança*):

Toda criança que ri
fundou um mundo.
Toda mão que entrega sem medida
abre um altar.
Mas só os palhaços entendem
que às vezes o papel amassado
vale mais que o número inteiro.

Palhaço

Comi como quem segura o último fogo
antes da noite descer.
Até hoje,
em noite seca,
é dele que lembro —
e é doce.

(Silêncio. Guarda o nariz. Fecha a mala devagar. Caminha em semicírculo. Muda a respiração. O riso cede lugar à ausência.)

CENA 2

A Função Silenciosa

Palhaço

Noutra noite...
não veio ninguém.

*(Abre a mala. Retira a flor murcha. Pousa-a
sobre a cadeira.)*

Palhaço

A lona estava pronta.
A luz acesa.
A música na espera.

Mas os bancos ficaram vazios.

*(Senta. Começa o número. Mudo. Preciso. Sem
olhar para fora.)*

Palhaço

Mesmo assim...
fiz tudo.

Cada passo.
Cada gesto.
Cada curva do riso.

Coro (*voz leve, distante, como quem lembra por dentro*):

O gesto sem plateia
é o mais puro.
É o que se oferece
sem destino.

Palhaço

Quando terminou,
não houve palmas.
Nem olhos.
Nem eco.

Só eu...
e a flor
que não se sustentava.

(A flor cai. Tenta reerguê-la. Não insiste.)

Palhaço

Fiz cada curva do gesto
como que risca fósforo
pra ve se ainda há lume.

O silêncio me assistia.
E ainda assim,
fiquei.

*(Recolhe a flor. Guarda-a. Volta ao centro.
Uma respiração mais leve emerge.)*

CENA INTERCALAR

A Função sob Chuva

(Luz cinza-azulada. Ouve-se o som de chuva fina no lonado. O Palhaço está só. O picadeiro está molhado — ou parece. Ele caminha descalço. Sem fala. Apenas gesto. Retira da mala um lenço branco. Coloca-o na cabeça como toldo. Começa um número — mínimo. Feito de passos curtos, tropeços lentos, braços que imitam pássaros cansados.)

(Ele escorrega. Cai. Levanta. Repete. Até que para. Olha para cima. Abre os braços. A chuva o alcança. O lenço escorrega. O corpo fica imóvel por um instante — como cruz ou ponte.)

(O Coro sussurra, como umidade nas frestas.)

Coro

Houve uma vez...
que ele riu sozinho.
Debaixo da lona rasgada.
Só o som da água...

era plateia.

E mesmo assim, ele caiu.

E mesmo assim, ele riu.

Porque às vezes...

só o gesto sabe que alguém veio.

(O Palhaço recolhe o lenço. Guarda. Fecha a mala com leveza. Sai de cena sem olhar para trás. Luz desce.)

CENA 3

A Menina Cega

Palhaço

Teve uma noite...

(Respira fundo. Como quem lembra e hesita.)

em que fiz tudo
pra quem não podia ver.

(Senta. O tom é mais suave. Mais devocional.)

Palhaço

Era uma menina.
Pequena.
Terceira fileira.

Ficava reta.
Olhos fixos — mas vazios.
Não se movia.

Demorei pra perceber.
Ela era cega.

Coro (voz sutil, entre espanto e ternura, como se pairasse no ar):

Quem não vê
sente o gesto inteiro.
E guarda no corpo
o que o mundo esquece no olho.

Palhaço

Mesmo sem olhar...
ela ficou.
Até o fim.

Quando todos saíram,
ela veio.
Sozinha.
Sem palavra.

Encostou a testa
no meu joelho.

E ficou.

(Faz o gesto. Permanece curvado.)

Palhaço
Foi a testa dela

que me selou.
Não era aplauso.
Nem abraço.
Nem bilhete.
Era presença.
Era sim.

Coro (*sussurrado, com leveza de verdade ancestral*):

Esse gesto é de quem ama
sem saber que ama.
E diz tudo —
sem dizer uma sílaba.

Palhaço

Nunca mais a vi.
Mas carrego esse toque
como quem carrega uma memória viva
entre a pele e o silêncio.

*(Levanta-se. Guarda os objetos um a um.
Fecha a mala com cuidado. Vai ao centro.)*

Palhaço

Esses foram meus três melhores
números.
E nenhum deles tinha truque.

Tinha gente.
Tinha falha.
Tinha dom.

Coro (*como vento de despedida, múltiplo, morno*):

E agora que disseste tudo
sem pressa,
sem glória —
vai.

A mala ficou cheia.
Mas teu corpo...
ficou limpo.

*(Silêncio espesso. O Palhaço fecha os olhos.
Respira com esforço. Como quem guarda pela
última vez.)*

*(O palhaço faz uma reverência mínima.
Apenas um olhar, uma pausa. Sai. Luz desce.)*

CAI O PANO.

TRANSIÇÃO

(Entre o fim da terceira história e o início do Ato III.)

(O palhaço acaba de contar a história da menina cega. Está de pé. Fecha a mala. A flor foi guardada. Ele permanece no centro. A luz ainda clara, mas começando a cair em temperatura. Espera. O Coro/Espelho sussurra.)

Coro

Tu deste o que tinhas.
E o que tinhas, deste inteiro.
Agora...
ninguém te pede mais nada.

(O palhaço abaixa os olhos. Faz uma última reverência. Muito curta. Depois caminha para fora do picadeiro. Mas não sai de cena — apenas se desloca para um canto. Coloca a mala no chão. Senta ao lado dela.)

Palhaço *(sem levantar os olhos)*

E agora que tudo foi dado...
quem sou eu sem o gesto?

(Silêncio. A luz sobre o picadeiro se apaga por completo. A única luz que resta é sobre o palhaço, sentado. O realejo volta, mas como um suspiro distante. Ele não se move. Apenas respira.)

Coro (último sopro, como memória que paira):

O número terminou.
Mas o palhaço ainda está.
Porque o riso cessa —
mas o que foi oferecido
permanece.

(Luz escurece mais. O foco se fecha sobre o palhaço. Ele levanta os olhos. Respira. Tudo está em silêncio.)

ATO III

O Fim do Número

Forma: rito lento + poema encenado + confissão poética

Personagem: Palhaço (agora se tornando o Homem)

Elementos cênicos: espelho, bacia com água, pano branco, mala fechada

Som ambiente: realejo longínquo, depois respiração

CENA ÚNICA

(Luz baixa. O picadeiro está escuro. Apenas o canto lateral é iluminado. O palhaço está ali. Só. A mala ao lado. O espelho reaparece. Uma bacia de água, um pano dobrado. Ele está sentado, imóvel. Respira. O tempo se alonga.)

Palhaço

Tudo que é ofertado...
não retorna ao ofertante.

É assim no gesto.
É assim no riso.
É assim no amor.

(Fica de pé. Vai até a mala. Fecha-a devagar. Pousa a mão sobre ela como quem sela um caixão.)

Palhaço

Lá dentro estão:
o nariz,
a flor,

a lembrança da menina,
o bombom nunca esquecido.

Nada disso me pertence mais.

*(Vai até o espelho. Olha-se. Ainda está
maquiado. O rosto é um campo ferido.)*

Palhaço

Este rosto não é meu.
É dos que riram.
Dos que esperaram.
Dos que não vieram.

Este rosto...
é a sobra do que restou de mim
depois de me dar.

*(Senta-se diante da bacia. Molha o pano.
Começa a limpar o rosto — não como quem
apaga, mas como quem descobre.)*

Palhaço

Cada linha que apago
me devolve à carne.

Cada cor que escorre
me lembra quem fui
antes de rir por outros.

Espelho (*voz de dentro, grave, quase inaudível ao mundo*):

Tu não representaste.
Tu não fingiste.
Tu te deste.

E por isso agora
não sabes o que te resta.

Palhaço

Sou um homem.
Não um herói.
Não um mártir.
Um homem.

Mas um homem
que se desfez num gesto.
Que se entregou num tropeço.
Fui abrigo
sem saber se alguém dormia.

*(Termina de limpar o rosto. Encara o espelho.
Não se reconhece. Não se estranha. Apenas
vê.)*

Palhaço *(ao espelho)*

Não me julgues.
Fiz o melhor que pude.
Com o pouco que tinha.
Com o muito que doía.

*(Levanta-se. Vai ao centro. Fala com calma.
Agora não há mais público — só a presença do
dizer.)*

Palhaço

Depois que o número termina,
fica o corpo.
Fica a respiração.
Fica a memória dos que viram —
e também dos que não viram.

Fica um cansaço
sem nome.

Mas fica, também,
um espaço limpo.

Um canto dentro
onde só cabe o silêncio.

*(Silêncio longo. Ele se ajoelha. Não como
súplica. Como esvaziamento.)*

Palhaço *(último texto)*

E se um dia me perguntarem
se valeu a pena...

— eu direi:
não sei.

Não fiz por glória.
Nem por lembrança.

Fiz porque o gesto vinha.
Porque havia silêncio
pedindo forma.

Fiz porque alguém esperava
— ainda que não soubesse.

Cada riso que brotou
caiu logo depois.
Cada aplauso
virou poeira de madeira.

Mas por um instante —
um só —
eu e o mundo
respiramos no mesmo tempo.

E isso...
foi tudo.

Meu corpo ficou ali.
Meu nome, não.

Mas deixei
o que tinha.

Inteiro.

*(Fica quieto. A luz baixa mais. Só o contorno
do corpo. Depois, tudo escurece.)*

FIM.

Notas de Montagem¹

por Augusto La Fere

Estas notas acompanham a obra *Clown — O Espelho e a Arena* com o intuito de orientar diretores, atores e leitores quanto à sua montagem cênica. Elas não impõem regras fixas, mas buscam preservar a integridade poética e ritual da peça.

Rito, não espetáculo

Clown não foi concebido como um espetáculo convencional, mas como um rito cênico de entrega. Cada ato carrega uma transição simbólica e emocional que deve ser respeitada com precisão. A encenação deve evitar o histrionismo ou o excesso de efeito cênico. O impacto reside no gesto contido, no tempo sustentado e no silêncio significativo.

1 *Texto preparado para a 1ª edição de Clown — O Espelho e a Arena.*

Espaço e cenografia

O espaço cênico deve ser mínimo e simbólico:

- Um espelho vertical, posicionado de modo ritual no Ato I e Ato III.
- Uma mala de palhaço: objeto de memória e função.
- Uma cadeira simples, usada no Ato II.
- Flor murcha, nariz, lenço branco e bacia com água são objetos simbólicos e não utilitários.

A transição de luz deve marcar a passagem de espelho (intimidade) para picadeiro (ofício) e, por fim, para o desnudamento (humano).

Atuação

A peça deve ser interpretada por um só corpo em cena, que dá voz ao Palhaço e, em momentos distintos, ao Espelho e ao Coro (por sopros ou projeções sonoras). É fundamental que o ator explore microgestos, respiração e pausas como elementos de fala. A emoção é subterrânea, nunca explícita.

O ator deve “escutar o texto com o corpo”, como orienta o autor. Não se trata de representar, mas de reofertar a presença.

Voz e ritmo

A voz do Espelho deve ser interna, grave, quase inaudível. Pode ser gravada e projetada com reverberação, ou performada ao vivo com deslocamento vocal.

O Coro é sopro, murmúrio, eco. Pode ser múltiplo ou singular, mas sempre evanescente.

As falas do Palhaço seguem ritmo poético, com atenção à cadência dos silêncios.

A peça comporta longas pausas, respirações visíveis e o uso dramático da espera.

Luz e som

A luz é personagem. Ela acompanha o rito, pulsa com o tempo do gesto e silencia com a memória. O uso de luz focal e difusa deve

marcar os três campos: espelho, picadeiro e memória.

O som do realejo deve reaparecer em diferentes momentos, com variações tímbricas. Ele é o fôlego da peça, o fio que costura os atos.

O silêncio não é ausência: é presença densa. Deve ser coreografado.

Figurino e maquiagem

O Palhaço veste-se aos poucos. O figurino não é completo desde o início — ele se constrói com o rito.

A maquiagem deve ser realizada em cena, como parte do Ato I.

No Ato III, o desfazimento da maquiagem é um gesto ritual de retorno ao humano. Deve ser lento, digno, reverente.

Duração e estrutura

A peça pode ter entre 45 a 60 minutos, dependendo do tempo dos silêncios e da respiração do ator. Os três atos são contínuos, com transições integradas, não sendo necessário apagar completamente as luzes entre eles.

Indicação de fidelidade ao texto

Recomenda-se que qualquer adaptação mantenha a estrutura tripartida, a centralidade da voz única e o espírito de oferta que sustenta o texto.

Créditos ou licenciamento de montagem

Esta obra é licenciada sob a *Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)*.

Montagens públicas, leituras cênicas ou adaptações são permitidas, inclusive para fins comerciais, desde que seja atribuído o devido crédito ao autor e indicadas eventuais modificações realizadas.

Para orientações adicionais, entre em contato com o autor ou com a editora *Ars Verbi* pelo endereço indicado na página de créditos.

Intenção última

Ao fim, o que permanece não é o aplauso, mas o instante compartilhado — aquele momento em que o gesto encontrou olhos atentos. Essa peça não deseja ser aplaudida: deseja ser escutada.

Agradecimentos

Esta peça foi escrita com um corpo só, mas jamais estive sozinha. Cada silêncio que sustenta o gesto, cada sombra que molda o picadeiro, cada palavra que escuta o corpo — tudo isso carrega as vozes dos que vieram antes. Agradeço, em reverência profunda, aos dramaturgos que me ensinaram a ouvir o invisível:

Samuel Beckett, pelo silêncio cheio de presença, pela espera que é gesto e pelo corpo que resiste entre ruínas.

Antonin Artaud, pelo grito primal e pelo teatro como ferida aberta — onde o palhaço também sangra.

Jean Genet, pelo abismo da identidade, pela máscara que revela mais que esconde, pelo rito que desorganiza o olhar.

Luigi Pirandello, pelo espelho fraturado, pelos personagens que não cessam de buscar um autor, por mostrar que o riso e a dor podem usar o mesmo rosto.

Tennessee Williams, pela fragilidade elevada a altar, pela ternura em desespero, pela dignidade da queda.

Heiner Müller, pela palavra que resta após a destruição, pela poesia que brota entre escombros, pelo corpo que é política e poesia ao mesmo tempo.

Sarah Kane, pelo gesto nu e final, pelo limite do amor que se esfarela no palco, por não permitir conforto onde há dor.

Fernando Arrabal, por sua vertigem de imagens, seu circo de delírio e sua fé na poesia em meio ao caos.

Peter Handke, por escrever o silêncio do mundo em forma de solidão escutada.

Tadeusz Kantor, por seu teatro da memória, por devolver à cena os que foram apagados, e por ensinar que o objeto também tem corpo.

A todos eles, minha escuta, meu corpo em rastro e meu gesto ofertado.

E ao **palhaço ancestral** — aquele que tropeça para lembrar que somos frágeis —, minha devoção inteira.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Cinco Formas* (2015), *Cartas para Ninguém* (2017), *Diálogos* (2019), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), herdeiro direto das formas renascentistas talhadas por Claude Garamont (c.1480–1561), em Paris. Entre o ferro e o papel, sua elegância perdura: um traço de tempo que se deixa reler. Cada letra, como um corpo antigo, guarda o rumor das prensas manuais — e ao ser tocada pela luz digital, reacende o gesto humano que a criou. Assim como as máscaras e pinturas que recobrem a face desta obra, esta fonte sustenta o diálogo entre o ator e a plateia.

A edição digital foi concluída em outubro de 2025, pela *Ars Verbi*TM, em Lapa, Paraná, onde o silêncio ainda sabe o peso das palavras.

Tudo que é ofertado...
não retorna ao ofertante.
É assim no gesto.
É assim no riso.
É assim com amor.

— *Clown*

